



# CONTRIBUIÇÕES DO DESIGNER INSTRUCIONAL NA GESTÃO DO ENSINO DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19

Aline Claudino de Castro<sup>1</sup>, Geraldo José Rodrigues Liska<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Graduanda em Farmácia da Universidade Federal de Alfenas – MG e Professora /Pesquisadora do curso de pedagogia do IFSULDEMINAS Campus Muzambinho - MG, [aline.castro@muz.ifsuldeminas.edu.br](mailto:aline.castro@muz.ifsuldeminas.edu.br)

<sup>2</sup>Doutor em Estudos Linguísticos pela UFMG. Secretário Executivo da UNIFAL-MG, [geraldo.liska@unifal-mg.edu.br](mailto:geraldo.liska@unifal-mg.edu.br)

**Resumo:** Tendo em vista o crescimento da Educação a Distância e conseqüentemente do ensino remoto por conta do isolamento social em 2020, objetivamos identificar as contribuições do designer instrucional na gestão do ensino superior durante a pandemia de Covid-19. Procuramos conhecer seus campos de atuação nesse processo e as principais atividades desenvolvidas, conforme Filatro (2008), Chiappe (2008) e Amaral (2009). Evidenciamos que são necessárias discussões sobre o processo de formação desse profissional e sua valorização frente aos diversos locais de atuação.

**Palavras-chave:** Designer instrucional; Ensino superior; Ensino remoto; Educação a distância

## 1. Introdução

Tendo em vista a atual situação que estamos vivenciando, em função da pandemia da COVID-19 e a conseqüente suspensão das atividades dos sistemas de ensino, verificamos uma situação atípica, em que as universidades brasileiras, na tentativa de seguir com o calendário acadêmico, se viu na condição de transpor as atividades presenciais para o ensino remoto, de modo a distância. Nesse contexto, entram em ação as contribuições do designer instrucional (DI) como um potencial profissional na mediação das relações interpessoais que devem acontecer nesses espaços virtuais, tanto entre alunos e recursos disponibilizados para o ensino-aprendizado, quanto para a equipe de profissionais atuantes no processo para o ensino em questão.

Isso se deve em função da atuação desse profissional, que passa pelo planejamento, concepção, desenvolvimento, implementação, avaliação e gerenciamento de materiais tanto de forma presencial quando via web.



Filatro (2004) afirma que o design instrucional tem como principal objetivo facilitar a aprendizagem humana dentro da sistemática de ensino, que envolve o planejamento, o desenvolvimento e a utilização de métodos, técnicas, atividades, materiais, eventos e produtos educacionais em situações didáticas específicas.

Nessa perspectiva, observamos que o DI pode contribuir para o ensino-aprendizado em todos os espaços, sejam eles formais, informais, presenciais ou não presenciais, uma vez que atuará como um facilitador do processo.

## 2. Atuação do designer instrucional

Apesar de pensar na educação a distância como algo novo, ela é algo antigo, datada há quase 300 anos quando foi oferecido nos EUA o treinamento em taquigrafia por meio de aulas semanais enviadas pelo correio. Daí em diante ela não parou e acompanhou a modernidade, inserindo os recursos que surgiram gradativamente, passando pelo rádio, televisão, telefones e a internet, que promoveu grandes mudanças. Isso em função da facilidade em comunicação e interconexão, o que tornou a educação a distância nos últimos anos um tópico de relevantes pesquisas e discussões.

Nos EUA, surge o design instrucional, na época da segunda guerra mundial, quando o país viu a necessidade de treinar seus soldados em campos de guerra. Então, para melhor formar os soldados, uma equipe multidisciplinar se organizou e criou um processo de treinamento para a instrução. A técnica foi tão positiva que passou a ser utilizada em outros setores, chegando às instituições de ensino.

A partir daí o perfil do DI vem ganhando forma, que, segundo Amaral (2009, p. 1488):

[...] é responsável pela concepção, desenvolvimento, implementação, avaliação e gerenciamento de cursos oferecidos via web (online), e que também necessita ter suas competências desenvolvidas, a fim de responder aos desafios impostos pela atualidade.

Trata-se de um profissional que se diferencia dos demais que trabalham com a educação, pois ele planeja atividades de aprendizagem, desenhando todos os passos do processo de ensino e aprendizagem atentando-se a todos os detalhes, cujo resultado final é o aprendizado.





Para isso, ele conta com diferentes estratégias para a promoção do ensino, como um ensino motivado, conceitual, imersivo ou prático, e, no caso do ensino superior, precisa misturar essas estratégias para um resultado mais efetivo além das aulas expositivas: leituras, estudos dirigidos, trabalhos em equipe, seminários, debates, aulas com diversos recursos midiáticos (visuais, sonoros e audiovisuais), estudos de caso, Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP ou PBL, em inglês), sala de aula invertida, aulas práticas, laboratórios de aprendizagem experimental e questionários. Essas estratégias visam à transformação da realidade vivenciada no processo de construção do conhecimento.

Dados da ABMES (Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior) (2019) mostram que o número de alunos matriculados na EAD quase que dobrou em menos de dez anos. Em 2009, 838 mil alunos se matricularam em cursos de EAD, sendo que o número saltou para 1.756.982, em 2017. A pesquisa também mostra que, conforme os censos da educação superior realizados pelo Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira), a quantidade de cursos no país aumentou 26.8% em apenas um ano (2017-2018), o maior crescimento desde 2009.

Diversas instituições públicas suspenderam o calendário acadêmico para programarem as aulas conforme o novo cenário e, diante das medidas sanitárias e a orientação para o isolamento social, adotaram uma nova modalidade aos poucos sendo conhecida como ensino/estudo remoto emergencial. Entre as universidades, por exemplo, temos a UNIFAL-MG, UFLA e UFMG<sup>1</sup>.

Pensando nas aulas remotas, o DI contribui para a criação de diferentes propostas metodológicas, que vão desde projetos síncronos ou assíncronos, tendo em vista as diferentes possibilidades e estratégias a serem utilizadas. Com um papel que pode ser chamado de macro processo (projeto), a função do DI pode responder à sua participação, e o processo é projetado para gerar uma experiência de aprendizagem por meio de cursos, ambientes virtuais de aprendizagem, materiais educacionais etc (CHIAPPE, 2008).

<sup>1</sup> Informações disponíveis em, respectivamente, < <https://www.unifal-mg.edu.br/graduacao/ere/>>, < <https://prograd.ufla.br/estudo-remoto-emergencial>>, < <https://www2.ufmg.br/prograd/prograd/Pro-Reitoria-de-Graduacao/Publicacoes/Ensino-Remoto-Emergencial>>. Acesso em 11 out. 2020.





Então, formando uma parceria com os professores das instituições, pode-se chegar a decisões sobre os conteúdos que serão disponibilizados aos alunos de forma assíncrona. Nesse sentido, também existe o desenho do conteúdo em si. Se o conteúdo atende a proposta da educação a distância em termo de linguagem dialógica, o que é muito importante para o contexto do ensino remoto, visto que o aluno deverá desenvolver maior autonomia em sua aprendizagem.

Para Chiappe (2008), devemos ter atenção e articular uma série de recursos, que vão muito além da estruturação de conteúdo e formulação de atividades de aprendizagem. Isso implica também processos de gestão de recursos humanos, como acompanhamento do exercício dos docentes, e tecnológicos, como a análise de fatores de contexto, condições tecnológicas, características do usuário etc.

Sendo assim, as contribuições do DI ultrapassam a atuação vinculada à produção de materiais didáticos dialógicos para a educação a distância, para em seu planejamento integrar as tecnologias de informação e comunicação com o uso da internet para prever as estratégias de ensino no contexto da pandemia. Ele se torna uma peça importante no planejamento do processo de ensino, incluindo atividades, estratégias, sistemas de avaliação, métodos e materiais didáticos.

### 3. Atuação do Designer Instrucional no contexto de pandemia: possibilidades

As instituições de ensino precisaram se estruturar de maneira a estimular atitudes cooperativas e propositivas para o enfrentamento da pandemia. Diante desse contexto, estamos nos deparando com novas informações e ao mesmo tempo tendo que nos reorganizar, readaptar e reinventar o dia a dia.

Surgem as dificuldades com as tecnologias, tanto no acesso como no conhecimento sobre elas, e ações e reações da educação frente a pandemia e todos os movimentos que se constituem em processos para ressignificar a sala de aula perante as demandas do isolamento e da educação online.

Já havíamos defendido que o contexto educacional passou muitas mudanças com a evolução tecnológica (LISKA, 2018). Isso exigiu a reformulação das metodologias e ferramentas utilizadas para o ensino. Além disso, em relação às





ferramentas, muitas foram incorporadas como veículo de conhecimento, requerendo capacitação do educador. Por meio dessas novas estratégias de ensino, coube ao professor um meio de estimular a busca de informações ao aluno e promover o seu desenvolvimento, de maneira dinâmica, interagindo com o saber; que seja atraente e desperte a curiosidade do educando. Estamos diante de vários fatores que contribuem para a ressignificação do processo de ensino e aprendizagem.

Vários documentos norteadores da educação, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2017) e a Base Nacional Curricular para a formação inicial de professores (BNC-Formação) (BRASIL, 2019), orientam que alunos e professores devem compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.

De acordo com esses documentos, isso é reflexo da cultura digital, que tem promovido mudanças sociais significativas nas sociedades contemporâneas. Em decorrência do avanço e da multiplicação das tecnologias de informação e comunicação (TDICs) e do crescente acesso a elas pela maior disponibilidade de computadores, telefones celulares, tablets e afins, os estudantes estão dinamicamente inseridos nessa cultura (embora sabemos que ainda não é realidade para a maioria e o atual contexto tornou isso evidente), envolvendo-se diretamente em novas formas de interação multimidiática e multimodal e de atuação social em rede, que se realizam de modo cada vez mais ágil.

Uma medida que pode ajudar o trabalho do Designer Instrucional seria orientar a equipe pedagógica a permitir ensino online assíncrono, pensando nas famílias que dividem o mesmo equipamento, e sugerir a criação de alunos colaboradores: pesquisar com o grupo a quais suportes têm melhor acesso (materiais em texto, áudio, vídeo, jogos, animações) sobre os temas que estão estudando. Outra saída seria possibilitar o reaproveitamento de conteúdos que já têm na internet em vez da obrigatoriedade de disponibilizar material novo com a sensação de missão cumprida. Para as escolas que exigem a figura do professor, outros materiais poderiam ser





oferecidos como complementares. Certamente, esses recursos devem passar por avaliação e da certificação de direitos autorais.

#### 4. Considerações finais

Podemos considerar que o papel do DI está para além de estudos de especialistas, mas ainda assim cada vez mais é necessário desenvolver discussões aprofundadas sobre o processo de formação desse profissional e sua valorização frente aos diversos locais de atuação.

O atual contexto nos mostra um desafio a ser superado perante a realidade e o DI tem muito a contribuir com o apoio a professores correndo contra o tempo para aprender e responder às exigências curriculares e ter sempre em mente em seu planejamento que há alunos que não têm as ferramentas, nem os equipamentos necessários para acompanhar as mudanças, o que traz a falta de equidade do sistema de ensino.

#### Referências

ABMES. Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior. **Ead se consolida no Brasil**. Maio/2019. ABMES EDITORA: Brasília, 2019. Disponível em <https://abmes.org.br/noticias/detalhe/3320/ead-se-consolida-no-brasil>. Acesso em 11 out. 2020.

AMARAL, M. M. do. Navegando nas ondas da educação online: competências do designer educativo. **RAP**, Rio de Janeiro 43(6):1487-1519, nov./dez. 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Resolução nº 2, de 20 de dezembro de 2019**. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores para a Educação Básica e institui a Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC-Formação). Diário Oficial da União, nº 247, 23.12.2019, Seção 1, p.115, 2019.

BRASIL.. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: < <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/> >... Acesso em 11 out. 2020.

CHIAPPE, A. Diseño instruccional: oficio, fase y proceso. **educ.educ.**, Chia , v. 11, n. 2, p. 213-226, Dec. 2008.

FILATRO, A. **Design Instrucional na prática**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2008.

LISKA, G. J. A atuação do designer instrucional na preparação de conteúdo para o ensino de português a distância. **Scripta**, 22(44), 203-218, 2018.

